

BIG BROTHER BRASIL E OS EFEITOS DE SENTIDO SOBRE TRANSEXUALIDADES: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO G1 SOBRE ARIADNA ARANTES E LINN DA QUEBRADA

BIG BROTHER BRASIL AND THE EFFECTS OF MEANING ON TRANSEXUALITIES: AN ANALYSIS OF ARTICLES IN G1 ABOUT ARIADNA ARANTES AND LINN DA QUEBRADA

Dandara Oliveira Lima¹

Liliane Maria Macedo Machado²

Aline Czezacki Kravutschke³

RESUMO:

Este artigo parte de uma inquietação sobre as possíveis mudanças no discurso a respeito das duas participantes transexuais na história do *reality show Big Brother Brasil*, Ariadna Arantes, em 2011, e Linn da Quebrada, em 2022. Considerando os onze anos de diferença entre as participações, buscamos compreender se houve uma mudança nos efeitos de sentido utilizados para noticiar a participação delas a partir da análise de notícias do

- 1 Pesquisadora de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM/UnB), com bolsa de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). É membro do grupo de pesquisa Madalenas em Ação: estudos feministas e de gênero em comunicação. É especialista em Marketing Digital pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e jornalista graduada pela Faculdade de Comunicação (FAC/UnB). Atualmente, é assessora especial no Ministério das Mulheres, integrante do Observatório da Violência contra Jornalistas do Ministério da Justiça e coordenadora de comunicação voluntária do Projeto Todaz na Política. Pesquisa gênero, discurso de ódio, desinformação e redes sociais. E-mail: dandara.olima@gmail.com.
- 2 Doutorado em História pela Universidade de Brasília (2006) e pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (2022). Desde agosto de 2011 é professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, atualmente, como associado 1. Na função de pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da UnB, orienta trabalhos de mestrado, doutorado e pós-doutorado; desenvolve estudos concernentes aos seguintes temas: comunicação e estudos feministas e de gênero, comunicação e cidadania, legislação e regulação em comunicação, além de coordenar o grupo de pesquisas Madalenas em Ação: estudos feministas e de gênero em comunicação. Na graduação, ministra as disciplinas de Legislação e Direito à Comunicação e Teoria do Jornalismo. E-mail: lilianemmm@gmail.com.
- 3 Pesquisadora de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM- UnB). É membro do grupo de pesquisa Madalenas em Ação: estudos feministas e de gênero em comunicação. Especialista em Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/2021). Jornalista graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/2016). Atualmente é oficial de comunicação na Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). E-mail: alineczezacki@gmail.com.

G1. Partindo de uma discussão teórico/metodológica sobre teorias do jornalismo e com o arcabouço da Análise do Discurso francesa, analisaremos as matérias publicadas durante o mês de janeiro de 2011 e 2022, momento em que a rede Globo inicia a divulgação sobre o elenco do programa. Buscamos diagnosticar o surgimento de um novo olhar para as identidades de gênero transexuais na imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso, *Big Brother Brasil*, gênero, teorias do jornalismo, transexualidade.

ABSTRACT:

This article starts from a concern about the changes in the discourse regarding the two transsexual participants in the history of the reality show *Big Brother Brasil*, Ariadna Arantes, in 2011, and Linn da Quebrada, in 2022. Considering the eleven years of difference between the participations, we sought to understand whether there was a change in the meaning effects used to report their participation based on the analysis of news from G1. Starting from a theoretical discussion on theories of journalism and with the framework of French Discourse Analysis, we will analyze the articles published during the month of January 2011 and 2022, when Rede Globo starts publicizing the cast of the program. We seek to diagnose the emergence of a new perspective at transsexual gender identities in the press.

KEYWORDS: Discourse analysis, *Big Brother Brazil*, gender, theories of journalism, transsexuality.

INTRODUÇÃO

No dia 29 de janeiro de 2002, a Rede Globo de Televisão colocava ao ar a primeira edição do *reality show Big Brother Brasil* (BBB). O formato, inspirado no livro *1984*, do escritor britânico George Orwell, “[...] desenvolve a construção de narrativas, nas quais os participantes do jogo ascendem sua vida privada à esfera pública, mediante suas performances [...]” (Petrovich, 2008, local. 2).

Em 2011, os participantes disputaram o prêmio máximo de R\$ 500 mil. Hoje, o prêmio é de R\$ 1,5 milhão, valor considerado baixo frente ao que está em jogo. Os participantes do BBB são mantidos em confinamento e monitorados por câmeras durante 24 horas. É comum que, posteriormente, sejam elevados ao status de celebridades, fazendo fortuna com contratos publicitários¹.

Em 2011, na ocasião da 11ª edição, o público foi apresentado à cabeleireira Ariadna Arantes, que despertou um interesse particular da mídia por conta da sua identificação de gênero como uma mulher transexual. Cabe destacar que, neste artigo, usamos a noção defendida por Judith Butler (2021) de que ambos, sexo e gênero, são frutos de uma construção social, o que inclui mulheres lésbicas e mulheres transexuais como sujeitas dos feminismos.

Do momento em que Ariadna foi anunciada, as notícias passaram a pautar a participante especificamente pelo viés de gênero², questão até então não discutida pelo programa e não relacionada a outro ou outra participante. Para o público, a identidade de gênero de Ariadna já havia sido revelada em reportagem do Portal G1, como veremos a seguir. No entanto, a participante não falou sobre a sua transexualidade durante seis dias. Apenas na noite anterior à primeira eliminação revelou a alguns colegas sobre sua cirurgia de redesignação sexual. Ela foi a primeira eliminada com 49% dos votos.

Onze anos após a participação de Ariadna, o tema da transexualidade retornou à agenda do *reality* e da mídia com a participação da cantora e atriz Linn da Quebrada no BBB 22. Autodenominada como travesti³, a participante foi a décima segunda eliminada com 77,6% dos votos do público.

O BBB explora uma relação de interação dinâmica com os telespectadores, que podem votar para decidir quem fica ou quem sai de acordo com suas próprias impressões sobre os participantes. A relação do público com o BBB pauta a esfera midiática que, por sua vez, noticia sobre o programa e sobre seus participantes em um processo contínuo de construções de sentidos. Compreendemos o discursivo conforme proposto por Eni P. Orlandi (1996, p. 146-147):

[...] Pode ser definido como um processo social cuja especificidade está no tipo de materialidade lingüística, já que a língua constitui o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido.

Interessa-nos reconhecer quais os sentidos produzidos sobre Ariadna Arantes também foram utilizados para informar sobre a participante Linn da Quebrada. O principal objetivo é responder se há um *continuum* na forma como o G1 constrói o discurso sobre transexualidade e quais são as ferramentas discursivas do referido veículo para conceder valor-notícia ao tema.

Valor-notícia é o que autoriza a noticiabilidade de um acontecimento. Trata-se de um conceito já bastante explorado nas teorias do jornalismo, mas que segue relevante uma

vez que são esses critérios que servem como guia para a produção do “mundo midiático” que é apresentado para leitores e demais audiências através das notícias (Harcup; O’Neill, 2016, p. 1). Harcup e O’Neill (2009, p. 163, tradução nossa) também defendem que,

apesar [dos valores-notícia] oferecerem somente uma explicação incompleta dos processos de trabalho da produção de notícias jornalísticas, o estudo dos valores-notícia é uma importante área de exploração para os estudos acadêmicos de jornalismo porque é uma maneira de tornar mais transparente uma gama de práticas e julgamentos que, de outra feita, estariam opacos [...]⁴.

Há uma vasta quantidade de propostas de listas de valores-notícia segundo diversas análises empíricas, mas o artigo de Johan Galtung e Mari Ruge, de 1965, “The structure of foreign news”, é considerado um marco inicial para esse debate. Os autores listaram 12 fatores de valor-notícia: frequência, limite, não ambiguidade, importância, consonância, surpresa, continuidade, composição, notícias negativas, referência aos países da elite, a pessoas da elite ou a grupos específicos.

Por sua vez, Harcup e O’Neill dedicaram-se a revisar essa literatura em ao menos duas ocasiões diferentes. Primeiro, em 2001, quando propuseram a inclusão da “agenda do jornal” - seus interesses políticos e econômicos - como um valor-notícia crucial a ser considerado (Harcup; O’Neill, 2016, p. 2). Outros valores-notícia sugeridos para além dos já listados por Galtung e Ruge (1965) são: celebridades, notícias de entretenimento e notícias boas - *good news* -, aquelas com “enquadramento particularmente positivo, como resgates e curas”⁵ (Harcup; O’Neill, 2016, p. 2, tradução nossa).

Depois, os autores retomam esse trabalho assumindo a necessidade de reconhecer a diferença entre a seleção de notícias e o tratamento que é dado a elas nas rotinas da redação. Harcup e O’Neill (2016, p. 5) citam a pesquisa de Caple e Bednarek (2015, p. 8-11) sobre a abordagem discursiva que jornalistas constroem ao reportar determinados acontecimentos.

A análise discursiva do G1 sobre as participantes transexuais levará em consideração a constituição histórica, ideológica e social dos enunciados e os valores-notícia que podem ter sido utilizados na justificativa para autorizar a noticiabilidade das reportagens.

Concebemos o discurso como o “[...] espaço, o lugar ou a instância da linguagem [...] em que emergem as significações, ou ainda, os efeitos de sentido [...]” (Garcia, 2003, p. 133-134). Jornalistas, por seu papel como formadores de opinião, são agentes capazes

de criar ou reforçar efeitos de sentido, incluindo estereótipos. Desde a seleção da pauta, até a maneira como determinado fato é reportado, o jornalista tem lugar privilegiado no “palco contemporâneo do debate público” (Pena, 2005, p. 29). Ainda segundo o autor,

as transformações da esfera pública deixam claro que houve a substituição de um espaço destinado para a discussão de causas públicas e valores éticos por outro, muito mais prosaico, em que as representações da realidade interagem com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual [...] (Pena, 2005, p. 32).

Ao longo dos anos, a constante exposição das identidades transexuais e travestis criou “[...] um viés estigmatizante e patologizante, que ignoram os resultados positivos de uma transição em ambientes acolhedores [...]” (Benevides, 2022, p. 99). Há décadas, os meios de comunicação reproduzem esse conjunto de atributos depreciativos, influenciando a opinião pública. Como destaca Lippman (2008, p. 120),

[...] a opinião pública é primariamente uma versão moralizada e codificada dos fatos [...], e uma vez que meu sistema moral se apoia em minha versão aceita dos fatos, aquele que nega tanto meus julgamentos morais ou minha versão dos fatos é para mim perverso, estranho, perigoso.

Para este artigo, foram selecionadas as matérias publicadas no Portal G1, por ser um dos principais veículos digitais do Grupo Globo. Resultados de um levantamento realizado em 2018 pela Comscore⁶ mostram que o G1 recebe mais de 3,1 bilhões de visitas acumuladas e 56 milhões de visitantes únicos por ano (Grupo [...], 2018). Além disso, o portal diversifica seu conteúdo através de notícias publicadas nas sessões de editorias, especiais, serviços, regiões, TV Globo, rádios, Globo News, publicações e jornais. Essa diversificação faz com que diversos conteúdos publicados na grade da rede sejam indexados em um só portal, ampliando o escopo de matérias para a análise.

Em levantamento realizado pelas autoras, utilizando a ferramenta nativa de busca avançada do G1, foram encontradas seis reportagens que citam a participante Ariadna Arantes entre 1 e 31 de janeiro de 2011, quatro das quais foram analisadas neste trabalho. Selecionamos esse período por conter desde a primeira vez em que o nome de Ariadna foi divulgado até a eliminação da competidora, o que ocorreu na primeira semana que a edição foi ao ar. As reportagens descartadas fugiam ao *corpus*; uma por se tratar de uma reportagem de matéria televisiva do *Fantástico*, e outra porque estava inserida no G1 local do Rio de Janeiro, o que não atendia ao nosso objetivo de analisar apenas as matérias veiculadas nacionalmente.

Já Linn da Quebrada foi citada 16 vezes em reportagens do G1, entre o período de 1 a 31 de janeiro de 2022. Reduzimos o *corpus* apenas a reportagens que citam a identidade de gênero de Linn e que foram veiculados na editoria nacional do portal. Chegamos assim ao total de oito ocorrências.

Além de Linn ter pautado o G1 quase três vezes mais do que Ariadna, em 2011, o Portal associava a primeira participante a sua identidade de gênero em todas as reportagens - em algumas até mesmo desrespeitando o pronome feminino; enquanto Linn foi tema de quatro reportagens que abordaram apenas sua carreira artística, sem citar que ela é travesti.

Feitas essas observações, entendemos que é relevante analisar as mudanças no discurso do Portal G1 sobre transexuais e travestis a partir do fenômeno televisivo *Big Brother Brasil*. O objetivo principal do presente artigo é notar quais são as formações discursivas em jogo em 2011 e se elas permanecem mobilizando os mesmos efeitos de sentido, onze anos depois. Para isso, faremos uso da teoria do *newsmaking* para abordar os critérios de noticiabilidade e, como método, utilizaremos a análise de discurso de vertente francesa, doravante AD, além das contribuições do filósofo Michel Foucault.

É importante ressaltar que a vertente da AD que escolhemos para a análise valoriza a necessidade de que se identifique o gênero discursivo do *corpus* escolhido visto que, para Maingueneau (2002, p. 85), “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. A cena de enunciação, adverte o autor francês, “não deve ser concebida como um quadro preestabelecido, mas como um processo [...] no qual a enunciação, por sua própria maneira de desdobrar seus conteúdos, deve legitimar a situação de enunciação que a torna possível” (Maingueneau, 2000, p. 21). No caso desse artigo, trata-se de um discurso jornalístico, cujas características incluem um modo próprio de narrar os eventos, tais como o uso do *lead*, a importância das fontes utilizadas, dentre outras singularidades (Traquina, 2005).

Dessa forma, no decorrer da análise, lançaremos mão de teorias do jornalismo que nos ajudarão a compreender como as matérias foram produzidas, se houve, ou não, atenção aos pressupostos exigidos para que se configure como um discurso de caráter informativo, permitindo-nos problematizar o contexto em que a fala é encenada.

CONTEXTO E MÉTODO

AAD entende o discurso a partir da associação entre texto e contexto, entre a linguagem e sua materialidade. Analogamente aos autores que compartilham esse método, Foucault (2006, p. 49) defende que o discurso seja submetido a um procedimento metodológico em que seja possível observá-lo levando-se em conta a “cultura e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação”. Em outras palavras, a discursividade pode ser compreendida através da articulação entre o discurso e suas “condições de produção”, noção esta que designa

[...] geralmente, o ‘contexto social’ que ‘envolve’ um *corpus*, isto é, um conjunto desconexo de fatores entre os quais são selecionados previamente os elementos que permitem descrever uma ‘conjuntura’ (Maingueneau, 1997, p. 53).

Aquilo que é extradiscurso - como a comunidade discursiva dos fãs de BBB, por exemplo, e os mediadores, na figura dos jornalistas - e os enunciados em circulação nas reportagens “emergem ao mesmo tempo” (Maingueneau, 1997, p. 55) em um processo de imbricação. Por essa razão, consideramos relevante abordar o contexto da participação de Ariadna Arantes, em 2011, e de Linn da Quebrada, em 2022, além do que estava em pauta no debate sobre gênero no Brasil.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS

No conjunto de reportagens cuja análise iniciaremos a seguir, duas formações discursivas (FDs) nos chamaram atenção: a “vigilância binária” e a “pedagogia transexual” (Tabela 1). Formação discursiva é um conceito foucaultiano que trata das regularidades na produção de sentido. Na perspectiva de Eni P. Orlandi (2018, p. 21), a língua deve ser concebida como materialidade, “[...] um lugar das relações de forças e de sentidos”, e é na “[...] relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas que se constituem os diferentes efeitos de sentido entre locutores”.

Maingueneau (2015, p. 81) propõe que o “sentido se constrói no interior das fronteiras” e defende que o interdiscurso exerce um primado sobre o discurso. O interdiscurso só pode ser produzido se for materializado a partir de um outro já-dito. Por essa razão, a AD

[...] se interessa por funcionamentos discursivos e não é tentada a adotar uma posição definitiva. Ela não pretende reduzir a unidade todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem visa a multiplicar infinitamente e sem

hierarquia as relações entre os campos. Em um dado momento, uma formação discursiva é associada a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e isto faz parte integrante de sua especificidade (Maingueneau, 1997, p. 118).

Para chegarmos a formações discursivas - que, a partir de agora, resumimos com a sigla de FD - aludidas acima, fizemos uma imersão no *corpus* por nós delimitado com o objetivo de buscar o interdiscurso e, conseqüentemente, estabelecer as categorias de análise. Tal busca ocorreu a partir das colocações que as teóricas da transexualidade discutem acerca dos sentidos acionados pelas mídias ao referir-se a elas. Tais sentidos, eivados de preconceitos e assertivas sobre o que é ser mulher ou homem, levou-nos à formulação da FD de vigilância binária e, sobre as tentativas, nem sempre bem-sucedidas, da imprensa em sensibilizar e informar o público sobre as identidades sexuais, formulamos a AD de pedagogia da transexualidade. Tais questões serão tratadas com mais acuidade no desenrolar das análises.

Tabela 1 – Reportagens analisadas e suas respectivas formações discursivas (FDs)

Título	Autor(a)	Data	Participante	Seção	FD
BBB chega à 11ª edição com transexual como principal atração	Redação	11/01/11 09h52	Ariadna Arantes	Pop & Arte	Vigilância binária
Ariadna é a primeira eliminada do 'BBB 11'	Redação	18/01/11 23h12	Ariadna Arantes	Pop & Arte	Vigilância binária
Colegas de banda do rapper Igor, do 'BBB', já torcem pelo sucesso na TV	Marcus Vinícius Brasil	25/01/11 11h35	Ariadna Arantes	Pop & Arte	Vigilância binária
Com cirurgia liberada, transexuais têm batalha para trocar 'nome oficial'	Iberê Thenório	22/01/11 08h00	Ariadna Arantes	Ciência e Saúde	Vigilância Binária e Pedagogia Transexual
'BBB22': Participantes são divulgados; veja lista completa	Redação	14/01/22 15h05	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Vigilância Binária
Linn da Quebrada no 'BBB22': Cantora, atriz e apresentadora é referência na comunidade LGBTQIA+	Redação	14/01/22 22h18	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Vigilância Binária
'BBB' musical: como é o som de Linn, Naiara Azevedo, Maria, Arthur Aguiar e Tiago Abravanel	Rodrigo Ortega e Gabriela Sarmiento	21/01/22 07h41	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Vigilância Binária

Título	Autor(a)	Data	Participante	Seção	FD
Entrada de Linn da Quebrada no 'BBB22' gera papos sobre gênero com Eslovênia, Naiara e Rodrigo	Marília Neves	21/01/22 15h38	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Pedagogia Transexual e Vigilância Binária
Maior hit de Linn da Quebrada veio de álbum lançado em promessa para Prior sair do 'BBB20'	Rodrigo Ortega e Gabriela Sarmiento	22/01/22 09h11	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Vigilância Binária
No 'BBB22', Linn explica tatuagem 'Ela' e diz: 'Quero ser tratada nos pronomes femininos'	Marília Neves	24/01/22 10h29	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Pedagogia Transexual e Vigilância Binária
Entenda a diferença entre travesti e mulher trans; tema ganha destaque com Linn da Quebrada no BBB 22	Matheus Rodrigues	27/01/22 09h44	Linn da Quebrada	Pop & Arte	Pedagogia Transexual
Pessoas trans vivem sob 'tolerância frágil', diz pesquisa que contabilizou mortes em 2021	Luciana Oliveira	28/01/22 04h00	Linn da Quebrada	Política	Pedagogia Transexual

Fonte: elaborada pelas autoras.

Nos textos analisados, encontramos regularidades discursivas que estabelecem a transexualidade como um *Outro* elemento, nem homem e nem mulher. Em uma matriz existencialista, a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1970, p. 10, grifo nosso) sustenta que

a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o *Outro*.

Para ela, “[...] ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta” (Beauvoir, 1970, p. 18). Isso significa que ser mulher é um processo dialético, de aprendizagem e negociação, não é um referente essencialista, intrínseco à anatomia biológica. Essa compreensão é relevante para os estudos feministas e de gênero pois é a partir dela que mulheres não-brancas, transexuais e de outros grupos minoritários passaram a exigir a problematização das suas “*outriedades*” (Nascimento, 2021, p. 51). Para Letícia Nascimento (2021, p. 51) há uma “[...] falha no pensamento beuvoiriano [...]” na medida em que a francesa pensa sobre o homem branco em relação à mulher branca cis e heterossexual.

Se para Grada Kilombo (2019, *apud* Nascimento, 2021, p. 49) a mulher negra é o *Outro* do *Outro*, as existências trans são o *Outro* do *Outro* do *Outro*. Transgeneridades ocupam um lugar de “[...] forasteiras da humanidade, estrangeiras do gênero” (Nascimento, 2021, p. 49).

Sem o sentimento de pertencimento ao gênero masculino como ele é normatizado, a nós é constantemente negado o direito de nos definirmos como mulheres por não possuímos a ‘genitália certa’ [...] É nesse não lugar que construímos nossas identidades [...] (Nascimento, 2021, p. 53).

Essas *outriedades* são constantemente colocadas à prova nas matérias do G1, naquilo que chamamos de “vigilância binária” (Nascimento, 2021, p. 18), expressão de Letícia Nascimento escolhida por nós para designar a principal FD ora em análise. Como veremos, mesmo em reportagens sobre Linn da Quebrada, a vigilância binária está presente na medida em que sua identidade de gênero recebe o peso de valor-notícia principal.

Porém, diferentemente dos textos sobre Ariadna Arantes, em que a “vigilância binária” é carregada de estigmas - presentes no interdiscurso -, no caso de Linn da Quebrada, sua identidade de gênero é apresentada de forma associada à sua carreira artística ou à segunda FD que será analisada neste trabalho, a “pedagogia transexual”.

Essa FD remete a regularidades discursivas encontradas em quatro reportagens sobre Linn e uma sobre Ariadna. São textos em que o discurso denota uma intenção pedagógica do(a) jornalista-autor(a) para tratar sobre identidade de gênero. Ou seja, reportagens do gênero de jornalismo utilitário, aquele em que a atividade jornalística além de informativa, também atua

[...] como um prestador de serviço, cuja produção noticiosa deva ser útil para os cidadãos na tomada de decisões na vida cotidiana, promovendo a práxis pela comunicação de massa, garantindo um avanço na teoria democrática e ampliando o exercício da cidadania (Santana; Temer, 2015, p. 212).

Contudo, ainda que os textos pareçam ter como objetivo ajudar ou informar o(a) leitor(a) sobre transgeneridades, nem sempre a FD “pedagogia transexual” serve à “ampliação do exercício de cidadania”. Através de ferramentas discursivas, como a ironia e o silenciamento, as FDs que serão analisadas a seguir podem gerar equívocos e reforçar preconceitos.

O OUTRO INCOMPLETO

A primeira reportagem sobre Ariadna Arantes no G1 é do dia 11 de janeiro de 2011 e foi publicada sem assinatura⁷. A manchete anuncia Ariadna como a “principal atração” da edição daquele ano. Caso se tratasse de um show de talentos ou de um número artístico, referir-se a ela como “principal atração” denotaria um elogio. Porém, o contexto nos permite inferir o efeito de sentido preconceituoso no enunciado, uma vez que Ariadna foi a primeira transexual a participar do BBB e, fora essa informação, não há outra que possa explicar a razão que a diferencie dos demais participantes para torná-la a “principal atração”. Afinal, Ariadna era, até então, uma anônima cabeleireira carioca.

O *lead*⁸ da reportagem informa que ela é a “grande aposta” e que “virou notícia antes mesmo do programa estreiar” (‘BBB’ [...], 2011). O professor e teórico do jornalismo Felipe Pena (2005, p. 43) defende que um bom *lead* “[...] exerce uma série de funções no relato”, entre elas apontar a singularidade de uma história, apresentar pessoas de importância para o entendimento dos fatos e provocar no leitor o desejo de ler o restante do texto.

Por essa razão, a escolha por apresentar Ariadna como “grande aposta” no *lead* concede a ela um caráter de singularidade com o objetivo de remeter aos estereótipos comumente associados a pessoas transexuais. Estereótipos são associações que fazemos entre pessoas, situações e coisas - mas é sempre imperioso lembrar que “um padrão de estereótipos não é neutro” (Lippmann, 2008, p. 97). Pena (2005) sustenta que não há como fugir dos estereótipos na atividade jornalística, mas é possível encará-los, tomar consciência sobre eles.

Eles [os estereótipos] vão se manifestar na minha linguagem, no meu posicionamento e na minha abordagem dos assuntos. A consciência dos estereótipos não me livra deles. Essa é uma engrenagem multiplicadora, auto-reprodutiva. Estereótipos produzem estereótipos, em um ciclo interminável (Pena, 2005, p. 94).

Portanto, há uma escolha editorial em não encarar os estereótipos sobre pessoas transexuais e, para além disso, utilizá-los como valor/notícia que autoriza a noticiabilidade da reportagem. Mauro Wolf (1995, p. 170) lembra que, de acordo com a teoria do *news-making*, além da cultura profissional do jornalista, onde inclui-se o uso de estereótipos, há restrições ligadas à organização do trabalho sobre as quais esses profissionais criam convenções. Aprender o que tem valor/notícia ou não é parte constitutiva da profissão.

Os jornalistas não podem, obviamente, decidir sempre ex novo como devem selecionar os fatos que surgiram: isso tornaria o seu trabalho impraticável. A principal exigência é, por conseguinte, rotinizar tal tarefa, de forma a torná-la exequível e gerível. Os valores/notícia servem, exatamente, para este fim (Wolf, 1995, p. 176).

Por outro lado, o jornalista possui um lugar importante como produtor de sentido dos discursos, e as matérias jornalísticas são mecanismos “de observação dos discursos produzidos na sociedade [...] que expressam pontos de vista os mais diversos possíveis, cujas descrições muito nos dizem sobre os valores que abraçamos socialmente” (Moraes; Machado, 2019, p. 11). No ano de 2011, a agenda da comunidade LGBTQIAP+⁹ foi marcada pelo reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e a realização do primeiro casamento homoafetivo no país.

Em paralelo, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República realizou a primeira pesquisa sobre os números da homofobia¹⁰ no Brasil. Segundo o relatório, “de janeiro a dezembro de 2011, foram denunciadas 6.809 violações de direitos humanos contra LGBTQIAP+s, envolvendo 1.713 vítimas e 2.275 suspeitos” (Brasil, 2012, p. 17). No entanto, cabe destacar que essas são apenas violações reportadas e podem não corresponder à totalidade de ocorrências, dado o fenômeno da subnotificação. Ainda assim, chama atenção o fato de a discriminação por identidade de gênero aparecer como o segundo subtipo mais reportado, com 14,1% das respostas. Essa discriminação

[...] se relaciona com as construções de gênero com as quais os indivíduos se reconhecem psicológica, individual e socialmente. Aqui são patentes especiais, mas não unicamente, as transfobias, ou seja, discriminações contra travestis, homens transexuais e mulheres transexuais (Brasil, 2012, p. 43).

É nesse contexto que o G1 revela que a participante Ariadna “realizou uma cirurgia para a retirada do órgão sexual masculino”. Essas informações são creditadas ao diretor do programa, Boninho, que publicou os detalhes sobre a identidade de gênero de Ariadna em seu perfil no Twitter. Boninho disse ainda que seria “engraçado alguém pegar a moça que não é”, frase replicada no texto aqui analisado.

O mesmo estudo da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, realizado em 2011, abordou os casos de homofobia que foram noticiados pela mídia brasileira entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2011. Ao analisar a distribuição das vítimas das violações por identidade de gênero que foram noticiadas, “[...] percebe-se como

a transfobia, profundamente violenta e letal, se faz presente nas páginas de jornais: 50,5% das vítimas são travestis[...]” (Brasil, 2012, p. 55).

Ao mesmo tempo que se refere à Ariadna por pronomes femininos e a inclui na contagem das mulheres participantes, o texto cita o órgão sexual masculino “retirado” e, depois, nega que ela seja uma “moça”, o que configura uma violência transfóbica. Em outra reportagem, de Marcus Vinícius Brasil¹¹, na seção “Pop & Arte” do G1, no dia 25 de janeiro de 2011, Ariadna é evocada novamente sem que seja ela o tema da reportagem. O texto tratava do lançamento de uma música da banda Corrosivo Crew, cujo vocalista, Igor Serra, também participou do BBB naquela edição.

Tanto no subtítulo da matéria como nos dois parágrafos finais, encontramos a vigilância binária na obsessão pela ausência do *falo*. A nova música da Corrosivo Crew é uma “homagem” a Ariadna, informa o repórter, e foi batizada de “Periquita pirata” - eufemismo para o órgão sexual feminino. Marcus Vinicius Brasil finaliza a reportagem dizendo que a música “[...] está em fase de produção, mas já desponta como uma das mais promissoras [...]” da banda (Brasil, 2011). Isso ocorre apenas algumas linhas depois dele informar que a Corrosivo Crew nunca fez um show ou lançou um disco. Aqui notamos que

[...] domina a presença simbólica (mesmo na ausência) do pênis e de sua identidade masculina, que alega o seu reconhecimento enquanto mulher, ao mesmo tempo em que é afirmada no imaginário da ambiguidade (Santos, 2015, p. 4).

Segundo Maingueneau (1997, p. 99), suscitar a ambiguidade é a essência do discurso irônico. Preocupado em avaliar a função da ironia, o linguista lembra que esse “não é um fenômeno sutil”, pois trata-se sempre de um “gesto dirigido a um destinatário” (Maingueneau, 1997. p. 99).

O interesse estratégico da ironia reside no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência que toda argumentação impõe: o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar (Maingueneau, 1997, p. 100).

Semelhante ao comentário de Boninho no Twitter que disse ser “engraçado” se um homem se envolvesse com Ariadna sem saber de sua identidade de gênero, um dos “Corrosivos” - como o texto ora se refere - diz ter ficado “tenso” pela possibilidade de Igor envolver-se amorosamente com Ariadna. O texto ainda nomeia o posicionamento do rapaz como uma “brincadeira dos amigos”.

A ironia, ainda valendo-se das contribuições de Maingueneau (1997, p. 100), pode ter um caráter agressivo ou defensivo, bem como de desqualificação e/ou ridicularização. Nos enunciados ora apresentados, percebemos que o objetivo é o de negar à Ariadna o lugar social de uma mulher e manter soberana a noção de binaridade de gênero.

Dois conceitos de Michel Foucault nos parecem adequados para compreender o que está em jogo. Primeiro, o autor propõe que há procedimentos de exclusão no discurso que podem ser internos, em uma espécie de autocensura, ou externos. O objetivo é a criação de uma polícia discursiva que atua como uma “[...] grade complexa que não cessa de se modificar” e que é mais cerrada quando os discursos se referem à sexualidade e à política (Foucault, 2014, p. 9).

Já a noção foucaultiana de biopoder nos ajuda a refletir sobre essas mesmas dinâmicas nas estruturas sociais que autorizam a significação de quem é ou não uma mulher. O biopoder é um conjunto de mecanismos, entre eles a linguagem, que busca uma normatização, “para distinguir o normal e o anormal” (Foucault, 2008, p. 74-75). Inferimos que a vigilância binária sobre Ariadna é exemplo do biopoder em exercício, que se manifesta nos procedimentos de exclusão no discurso dos jornalistas que produziram os referidos textos.

Afinal, ainda que, na matéria em que Ariadna é citada pela primeira vez no G1, o texto informe que, no total, nove mulheres participariam da edição - incluindo Ariadna; o leitor pode se sentir impelido a conferir a quantidade de homens e descobrir que, diferentemente das dez edições anteriores, o número de homens e mulheres não é o mesmo. Ariadna é o elemento extra.

O SILÊNCIO POLÍTICO

No dia 18 de janeiro de 2011 Ariadna volta a ser pauta, em razão da primeira eliminação do BBB¹². O subtítulo da reportagem informa: “transexual recebeu 49% dos votos”. Substitui-se o nome da participante por sua identidade de gênero, posicionando essa informação como uma das mais relevantes no texto.

A matéria, não assinada, acerta no uso do pronome feminino para referir-se a Ariadna e, pela primeira vez, inclui uma frase proferida por ela. Em nenhuma das quatro reportagens sobre Ariadna, no *corpus* consultado para este artigo, a cabeleireira foi diretamente entrevistada. A única citação de palavras da própria Ariadna foi a frase que ela disse ao

se despedir do programa em que relata estar orgulhosa de ser a primeira transexual a participar do BBB. Em outras palavras, nas quatro reportagens a identidade de gênero de Ariadna possui valor-notícia, mas ela não é considerada como fonte nem mesmo para falar sobre si própria. Segundo Felipe Pena (2005), o resultado da conversa com uma fonte depende essencialmente das intenções dessa pessoa.

A fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos 'óculos' de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos. E, dependendo do grau de miopia, a lente de aumento pode ser direcionada para seus próprios interesses (Pena, 2005, p. 57).

É por essa razão que o bom jornalismo busca na pluralidade de fontes o contraditório de uma informação. Quando o G1 escolhe dar voz a um dos “Corrosivos” sem entrevistar Ariadna, realizam o que Eni P. Orlandi (2018, p. 29) chama de política do silêncio ou silenciamento. A autora defende que o silêncio tem “primazia sobre as palavras” e que, ao dizer, estamos necessariamente não dizendo “outros” sentidos (Orlandi, 2018, p. 31).

O silenciamento imposto à Ariadna pelo veículo é uma das principais diferenças no tratamento que o Portal G1 deu a Linn da Quebrada, onze anos depois. Várias reportagens de 2022 citam o gênero da artista, concedendo à sua identidade de travesti o critério de “singularidade de uma história” (Pena, 2005, p. 43), mas não impõem a ela a vigilância binária estigmatizante como ocorreu com Ariadna em todas as ocorrências analisadas. Ou seja, ser travesti ainda é tratado pelo G1 como algo singular, mas não é a única coisa que faz com que Linn seja noticiada.

No ano de 2022, o país chegava ao fim do mandato presidencial de quatro anos do então presidente Jair Bolsonaro, que utilizou de seu lugar de presidente para promover uma âncora ideológica reacionária, palavra que, para a historiadora Heloisa Murgel Starling (2022, p. 76-77), explica o tipo de

[...] movimento político interessado em capturar o sentimento de que, daquele ponto em diante, só existe chance de conserto para os 'estragos' que se desenrolaram na sociedade brasileira caso ocorra uma investida drástica de volta ao passado.

A volta ao passado nos discursos de Bolsonaro e de seus seguidores inclui posicionamentos como a volta do regime militar e, segundo a autora, tem o “[...] propósito de executar uma ação destrutiva, violenta e robusta [...]” contra a linguagem dos direitos humanos (Starling, 2022, p. 78-80). A comunidade LGBTQIAP+ foi um dos grupos sociais

vitimados, como no episódio de 13 de julho de 2022, quando o ex-presidente defendeu que “o Joãozinho seja Joãozinho a vida toda [...] [e] que a Mariazinha seja Maria a vida toda” (Bergamo, 2022)¹³.

O discurso também se manifesta na prática. Segundo Bruna Benevides (2022, p. 31), pesquisadora responsável pelo *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras*, os dados demonstram que

[...] o Brasil seguiu sem qualquer ação do estado para enfrentar a violência transfóbica; permaneceu como o que mais assassina pessoas trans do mundo pelo 13º ano consecutivo (TGEU/2021) [e] está acima da média geral considerando os números totais ano a ano [...].

É nesse contexto que a cantora, atriz e apresentadora Linn da Quebrada é convidada pelo *Big Brother Brasil* para participar da edição de 2022 integrando o grupo camarote, que desde 2020 reúne metade dos participantes com alguma visibilidade pública, como artistas, influenciadores e atletas.

A participação de Linn na edição de 2022 foi citada pela primeira vez em reportagem no dia 14 de janeiro, assinada pela redação do G1¹⁴. Assim como todos os demais participantes, Linn foi apresentada com uma foto promocional, uma minibiografia e uma citação. O texto descreve Linn como uma cantora paulista, cuja primeira música de sucesso foi “Enviadescer”. O nome denota a aproximação da participante com a comunidade LGBTQIAP+, mas não faz da identidade de gênero ou orientação sexual o foco da narrativa sobre ela¹⁵.

Ao contrário, a reportagem ainda informa sobre as suas experiências como atriz e apresentadora. A identidade de Linn como travesti é apresentada apenas nas aspas da própria artista,

[...] canto na intenção de ouvir aquilo que não ouvia antes. E eu sou uma exceção. A grande maioria das travestis não tem a possibilidade de trabalhar, de atuar, de ter dignidade na sociedade (‘BBB22’, 2022a).

É ela, Linn da Quebrada, quem apresenta ao público a sua identidade de gênero. Uma das razões para o tratamento diferente no discurso sobre Ariadna pode ser a visibilidade que Linn já possuía na sociedade antes mesmo de participar do programa. Após o anúncio sobre a participação de Linn, a reação do público foi imediata e ela alcançou os *trending topics*, assuntos de maior destaque no Twitter¹⁶.

Por conta do apelo na opinião pública, uma segunda reportagem¹⁷ foi publicada no mesmo dia. Dessa vez, o G1 fez um perfil exclusivo sobre a artista, destacando na manchete que Linn “é referência na comunidade LGBTQIA+”, além de ser cantora, atriz e apresentadora. Um currículo digno de nota, cheio de “ocupação”. Enquanto Ariadna era a “principal atração” do BBB 11 apenas por ser transexual, Linn é “referência”. As aspas selecionadas na reportagem revelam que ela utiliza a sua música “para ser ouvida” (Linn [...], 2022a).

Em outra reportagem, do dia 21 de janeiro de 2022, a carreira de Linn volta a ser notícia em matéria que apresenta os participantes cantores da edição. O texto foi assinado pelos jornalistas Rodrigo Ortega e Gabriela Sarmiento¹⁸, na seção “Pop & Arte” do G1. Os autores não economizaram elogios a Linn, “grande ativista”, “direta nas letras e nos discursos” e que produz “[...] música eletrônica de vanguarda, para brilhar em qualquer festival do mundo” (Ortega; Sarmiento, 2022a).

No dia seguinte, 22 de janeiro de 2022, Ortega e Sarmiento¹⁹ publicam nova matéria que trata exclusivamente sobre a carreira de Linn e que conta com quatro citações da cantora, todas sobre a sua carreira e o caráter político de seu trabalho.

- (1) Eu utilizo a minha música como ferramenta de diálogo. Foi assim que a música surgiu pra mim, da necessidade. Surge como uma necessidade e uma possibilidade de conseguir falar com as pessoas as coisas que eu estava pensando, que eu tenho pensado.
- (2) Uso minha música como arma apontada não para o outro, mas para minha própria cabeça, matando em mim aquilo que me mantém estagnada. É importante que cada um de nós aponte as armas para as próprias cabeças e matem em si o macho branco colonizador que nos mantém aprisionadas [...].
- (3) Acho que eu não dou espaço para que tenha outras leituras da minha música. Eu digo aquilo exatamente o que eu quero dizer, eu produzo exatamente o que eu quero produzir. Produzo novos pensamentos, novos comportamentos, utopias que nos movimentem e que não nos mantenham estagnadas no mesmo lugar.
- (4) Minhas músicas servem como feitiço que se viram contra a própria feiticeira. Eu sou a médica e a monstra, a criatura e a criadora de mim mesma e fruto das minhas canções. Eu uso a minha música para me manter em constante transformação,

para pensar diferentemente de como eu já pensava (Linn, 2022 *apud* Ortega; Sarmento, 2022b).

Tanto a manchete como o subtítulo e *lead* não citam a identidade de gênero da participante - que só será mencionada no sexto parágrafo. Ela é reconhecida como profissional e em nenhuma das reportagens analisadas o nome dela é substituído por sua identidade de gênero. Ela não é “a travesti”, ela é “a artista” ou “a ativista”. Por outro lado, o nome de Ariadna foi substituído pela palavra “transexual” ao menos uma vez em todas as reportagens analisadas de 2011.

Cabe destacar que, por mais que Linn tenha sido noticiada pela sua notoriedade enquanto figura pública do meio artístico em 2011, ainda prevalece na imprensa um tipo de silenciamento das experiências transexuais, constantemente reduzidas a páginas policiais. É comum observarmos uma associação entre travestis e atividades ilícitas para justificar a violência e/ou os assassinatos dos quais são vítimas. Benevides e Nogueira (2020, p. 102) apontam o uso de drogas, disputa de território, tentativa de extorsão e roubo como associações que ajudaram a construir no “imagético brasileiro uma ideia pré-estabelecida do que é ser uma pessoa trans/travesti”. Há décadas essas associações se reproduzem na imprensa, sendo muitas vezes o principal meio pelo qual “muitas pessoas não-trans tiveram contato/conhecimento sobre pessoas trans/travestis pela primeira vez” (Benevides; Nogueira, 2020, p. 102).

Como vemos nas matérias que citam Ariadna usando a palavra “transexual” como sinônimo, o que ocorre é uma limitação da experiência do indivíduo ao gênero. A prática contribui para o que estamos chamando de vigilância binária, onde paradoxalmente o “diferente” ganha destaque e isso aumenta o silenciamento de sua experiência enquanto mulher transexual.

PEDAGOGIA TRANSEXUAL

A segunda FD que nos dedicamos a analisar trata do que chamaremos de “pedagogia transexual”. Ela foi encontrada em uma matéria que cita Ariadna Arantes e em quatro matérias que fazem referência a Linn da Quebrada. Outras quatro ocorrências sobre Linn foram descartadas do *corpus* por serem regionalizadas no G1 Roraima, Rio de Janeiro, Piauí e São Paulo.

A primeira reportagem que pertence à FD pedagogia transexual que cita Linn da Quebrada é de 21 de janeiro de 2022²⁰, seguida por outra complementar de 24 de janeiro²¹. Ambas

foram assinadas pela jornalista Marília Neves e estão na seção “Pop & Arte” do G1 Nacional. A primeira manchete informa que chegada “[...] de Linn da quebrada no ‘BBB 22’ gera papos sobre gênero”. No subtítulo, ficamos sabendo que Linn reivindicou o uso do pronome “ela” e afirmou que não quer que a vejam “apenas como mulher, mas como travesti” (Neves, 2022a).

As falas ocorreram depois que a cantora foi chamada de ‘traveco’ pelo participante Rodrigo Mussi, além de ‘amigo’ por outra participante, Eslovênia Marques. Os dois textos também remetem à FD “vigilância binária”, já que demonstram a necessidade de Linn reforçar constantemente sobre sua identidade travesti, colocando-a como um “*Outro do Outro do Outro*” (Nascimento, 2021, p. 49) permanente.

Como vimos nos dados do *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021* (Benevides, 2022), há uma prevalência de pessoas identificadas como travestis em casos diretamente relacionados a marcadores de violência, o que contribui para o processo de marginalização da imagem da travesti. A conotação depreciativa sobre elas ganhou força na virada da década de 1970 para 1980. Elis F. Veras (2019, p. 99) indica que é nesse contexto que surge um novo sujeito (auto)denominado travesti, que “[...] invadiu as ruas e os meios de comunicação, transformando-se em personagem público-midiatizada”. A identidade travesti deixou então de ‘estar’ para ‘ser’ (Veras, 2019, p. 151). É possível notar essa reivindicação de ‘ser’ no que foi dito por Linn e replicado no G1:

Eu quero que me vejam como travesti, não quero que me vejam só como mulher... É importante. Tudo é importante. Faz dez anos que não se apresenta um corpo trans aqui nesse reality. E quando se apresentou, saiu na primeira semana (Neves, 2022a, 2022b).

Na defesa de seu ‘ser’, Linn relembrou a participação de Ariadna Arantes no BBB de 2011, que, como vimos, não teve o mesmo espaço para abordar sua identidade transexual. Inferimos que Linn e Ariadna estão em posições diferentes no “sistema de lugares” da instância enunciativa (Maingueneau, 1997, p. 32-33). Essa instância possui duas facetas:

por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciativo a suas regras, ela igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar (Maingueneau, 1997, p. 33).

Figura 1: Linn e a tatuagem “Ela”



Fonte: G1 (Neves, 2022b).

O lugar de Linn na topografia social é diferente do lugar de Ariadna, mas ambas são assujeitadas pelas regras de legitimidade e autoridade. A imagem selecionada para ilustrar a reportagem de Marília Neves mostra uma Linn que reivindica sua identidade como travesti através da tatuagem “Ela” no rosto (Figura 1).

O subtítulo da reportagem de Marília Neves, de 21 de janeiro, diz que o participante Rodrigo procurou Linn para “ajudá-lo” depois dele usar o termo “traveco”. Mais à frente, é reforçada a ideia de que ele precisava de “ajuda no aprendizado”. O texto também utiliza trechos de entrevista com Guilherme Gobato, especialista em Diversidade e Inclusão, que defende uma “educação para diversidade”, que ele considera “revolucionária”, podendo “[...] impulsionar respeito, acolhimento, crescimento e dignidade a todas as pessoas da sociedade” (Gobato, *apud* Neves, 2022a).

Trechos dessa mesma entrevista com Guilherme Gobato foram republicados no dia 24 de janeiro que, como fato novo, informam que a participante Eslovênia errou novamente o pronome de Linn da Quebrada e a chamou de “amigo”. Dessa vez, Linn respondeu: “amiga, não dá mais pra ficar errando” (Neves, 2022b). Notamos que a cantora estabelece um limite para o *continuum* da pedagogia transexual através do elemento discursivo da negação, “*não dá mais*” (Maingueneau, 1997, p. 80).

Cabe questionar se a pedagogia transexual alcança os objetivos descritos por Letícia Nascimento (2021) como próprios ao transfeminismo, na medida em que o discurso construído pela jornalista Marília Neves reitera o processo de aprendizagem como passivo, uma “ajuda” aos demais participantes, ao invés de uma ação que deveria partir das pessoas cisgênero. Nascimento (2021, p. 63) lembra que é imperativo “matar em nós o

opressor”, mas isso parte de uma escolha individual e ativa de combater a hierarquia das diferenças.

Já na única reportagem inserida na FD “pedagogia transexual” que cita Ariadna Arantes, de 22 de janeiro de 2011, o repórter Iberê Thenório²² colecionou equívocos ao abordar o tema da cirurgia de redesignação sexual. A seleção da editoria sobre Ciência e Saúde já insere o tema em uma perspectiva de patologização dos corpos trans. No subtítulo, o autor diz que a “justiça demora para reconhecer o novo sexo”. Como se a identidade de gênero fosse uma roupa comprada no *shopping*, nova e etiquetada.

Thenório (2011) nomeia a cirurgia “para trocar de sexo” em busca de uma “nova identidade”. Mas, como vimos, a identidade de gênero não trata de ‘estar’, mas de ‘ser’ (Veras, 2019, p. 151). O jornalista aborda os direitos garantidos a pessoas transexuais, como o fato de a cirurgia ser oferecida gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Isso caracteriza-o como interno ao gênero jornalístico utilitário e à FD “pedagogia transexual”.

Porém, as estratégias discursivas da vigilância binária seguem presentes em escolhas propositais como equívocos nos pronomes, uso do termo “condição sexual” ao invés de identidade de gênero e afirmação de que Ariadna teria “mantido segredo” sobre ser transexual.

Nesse sentido, notamos nessa FD duas facetas. Ainda que o objetivo das reportagens seja próprio ao jornalismo utilitário, ou seja, ampliar “o exercício da cidadania” (Santana; Temer, 2015, p. 212) através da informação noticiada, ora esse propósito é carregado de estereótipos, preconceitos ou informações insuficientes; ora cumpre seu objetivo com o uso de conceitos didáticos que buscam provocar no(a) leitor(a) a vontade de combater a hierarquia das diferenças. Notamos essa segunda faceta em apenas dois textos do *corpus* e, em ambos, a participante Linn da Quebrada é quem suscita o valor/notícia.

CONCEITOS DIDÁTICOS

É digna de nota a reportagem assinada por Luciana de Oliveira²³, na seção de Política do G1, de 28 de janeiro de 2022. Linn da Quebrada é citada aqui apenas como gancho para a jornalista abordar um tema muito mais sensível, a naturalização das violências contra travestis e transexuais na sociedade brasileira.

Sem recorrer à “vigilância binária”, a “pedagogia transexual” de Oliveira (2022a) vai além dos estereótipos para discutir a estrutura das diferenças baseadas no gênero. Outra reportagem que aborda de forma didática conceitos sobre transexualidades é assinada por Matheus Rodrigues, no dia 27 de janeiro de 2022. O repórter exemplifica o que é cisgeneridade e transexualidade, utiliza o termo “adaptação de gênero” para referir-se a cirurgia de redesignação sexual, além de fazer uma escolha plural de fontes²⁴.

Ao contrário dos textos de Marília Neves, os reincidentes erros dos participantes do BBB são problematizados por Rodrigues. Utilizando citação do psicólogo Pedro Bicalho, há uma crítica ao aprendizado passivo.

É complicado a gente pensar que isso é um erro. É a construção subjetiva das pessoas de não reconhecerem a identidade do outro como sendo legítima, em especial quando estamos falando da identidade trans. Ninguém erra a identidade de uma pessoa cisgênero, esse erro só tem um lado, o lado das pessoas com identidade trans (Bicalho *apud* Rodrigues, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as matérias publicadas no G1, em 2011, sobre a participante Ariadna Arantes, e, em 2021, sobre a participante Linn da Quebrada, reconhecemos duas FDs: a “vigilância binária” que trata as identidades transexuais como “estrangeiras do gênero” (Nascimento, 2021, p. 43), estereotipando ou dando a elas um valor/notícia associado à uma suposta singularidade; e a “pedagogia transexual”, quando a identidade de gênero das participantes é utilizada como gancho para reportagens que têm por objetivo informar e ampliar o exercício da cidadania dos(as) leitores(as). Porém, na segunda FD notamos duas facetas, uma em que esse objetivo é cumprido e outra em que as informações são insuficientes, carregadas de estereótipos e/ou preconceitos.

Concluimos que a diferença na posição de cada uma das participantes na topografia social que organiza a cena enunciativa interfere nas escolhas empregadas pelos(as) jornalistas na estruturação das matérias. Enquanto Ariadna foi retratada em 2011 apenas por sua “outridade”, Linn da Quebrada recebeu atenção por suas potencialidades enquanto artista e ativista. A identidade de Linn surge como fator secundário ou só aparece de forma autointitulada pela participante.

Essa diferença de discursividade parte de uma mudança social pelo reconhecimento das identidades trans. O discurso jornalístico do G1 busca esse caminho ao apresentar Linn da

Quebrada sem reforçar estereótipos. Porém, ainda reproduz a ideia da transexualidade como singular ou diferente.

Ainda é relevante, portanto, exigir que jornalistas se conscientizem sobre sua importância para o reconhecimento da cidadania de pessoas trans para quem sabe, em um futuro próximo, a naturalização da violência contra transexuais e travestis deixe de ser um traço que posiciona o Brasil como o país que mais mata pessoas LGBTQIAP+ (TGEU, 2021 *apud* Benevides, 2022).

REFERÊNCIAS

ARIADNA é a primeira eliminada do 'BBB 11'. **G1**, [Rio de Janeiro], 18 jan. 2011. Disponível em: <http://glo.bo/402HIBz>. Acesso em: 18 dez. 2022.

'BBB' chega à 11ª edição com transexual como principal atração. **G1**, [Rio de Janeiro], 11 jan. 2011. Disponível em: <http://glo.bo/3Jlivfy>. Acesso em: 18 dez. 2022.

'BBB22': Participantes são divulgados; veja lista completa. **G1**, [Rio de Janeiro], 14 jan. 2022a. Disponível em: <http://glo.bo/3WKxylW>. Acesso em: 18 dez. 2022.

'BBB22': Jade Picon, Linn da Quebrada e Arthur Aguiar entram no reality após se curarem da Covid-19. **G1**, [Rio de Janeiro], 20 jan. 2022b. Disponível em: <http://glo.bo/3kQhS3k>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENEVIDES, Bruna (coord.). **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília, DF: Distrito Drag, ANTRA, 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3DmO9pn>. Acesso em: 19 dez. 2022.

BERGAMO, Mônica. Bolsonaro é alvo de queixa-crime no STF por transfobia após fala sobre 'Joãozinho'. **Folha de S. Paulo**, [São Paulo], 14 jul. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3WRoDj2>. Acesso em: 19 dez. 2022

BRASIL, Marcus Vinícius. Colegas de banda do rapper Igor, do 'BBB', já torcem pelo sucesso na TV. **G1**, [Rio de Janeiro], 25 jan. 2011. Disponível em: <http://glo.bo/40btCO4>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2011**. Organização de Priscila Pinto Calaf, Gustavo Carvalho Bernardes e Gabriel dos

Santos Rocha. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/3kNgleu>. Acesso em: 19 dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CONHEÇA a história do Big Brother Brasil. **Jornal DCI**, [São Paulo], 3 jan. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3jboRng>. Acesso em: 19 de dez. 2022.

COVID-19: Brasil tem maior média de casos desde julho; mortes seguem com tendência de alta. **G1**, [São Paulo], 18 dez. 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3HBoCuV>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The Structure of Foreign News: The Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspapers. **Journal of Peace Research**, [Oslo], v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965.

GARCIA, Tyrza Myga. A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. **Working Papers em Linguística**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 121-140, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6171/5726>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GRUPO Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos. **G1**, [São Paulo], 26 nov. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/3XXUwqS>. Acesso em: 18 dez. 2022.

HARCUP, T.; O'NEILL, D. News Values and Selectivity. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (org.). **The handbook of journalism studies**. 2. ed. New York: Routledge, 2020. p. 161-175. Disponível em: <https://centreforjournalism.co.uk/sites/default/files/richardpendry/Handbook%20of%20Journalism%20Studies.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023.

HARCUP, T.; O'NEILL, D. What is News? News values revisited (again). *Journalism Studies*, [s. l.], v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2016. Disponível em: <https://eprints.whiterose.ac.uk/95423/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

JUNIOR, André. BBB23 bate recorde, ganha R\$ 1 bilhão em patrocínio e segue negociando. *Metrópoles*, [Brasília, DF], 23 nov. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3WKjAR2>. Acesso em: 18 dez. 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINN da Quebrada no 'BBB22': Cantora, atriz e apresentadora é referência na comunidade LGBTQIA+. *G1*, [São Paulo], 14 jan. 2022a. Disponível em: <http://glo.bo/3He0Dk7>. Acesso em: 18 dez. 2022.

LINN da Quebrada no BBB22: qual a diferença entre trans e travesti? *VEJA São Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2022b. Disponível em: <http://bit.ly/3wCAnuM>. Acesso em: 18 dez. 2022.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEVES, Marília. Entrada de Linn da Quebrada no 'BBB22' gera papos sobre gênero com Eslovênia, Naiara e Rodrigo. *G1*, [São Paulo], 21 jan. 2022a. Disponível em: <http://glo.bo/3wyCJLt>. Acesso em: 18 dez. 2022.

NEVES, Marília. No 'BBB22', Linn da Quebrada explica tatuagem 'Ela' e diz: 'Quero ser tratada nos pronomes femininos'. *G1*, [São Paulo], 24 jan. 2022b. Disponível em: <http://glo.bo/3ReiQTK>. Acesso em: 18 dez. 2022.

OLIVEIRA, Luciana de. Pessoas trans vivem sob 'tolerância frágil', diz pesquisadora que contabilizou 140 mortes em 2021. *G1*, [São Paulo], 28 jan. 2022a. Disponível em: <http://glo.bo/3wyDSCL>. Acesso em: 18 dez. 2022.

OLIVEIRA, Vinícius de. Não é só pelo R\$ 1,5 milhão: com o que mais os participantes lucram? *UOL*, São Paulo, 3 fev. 2022b. Disponível em: <http://bit.ly/3WKUj9F>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** No movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

ORTEGA, Rodrigo; SARMENTO, Gabriela. 'BBB' musical: como é o som de Linn da Quebrada, Naiara Azevedo, Maria, Arthur Aguiar e Tiago Abravanel. **G1**, [São Paulo], 21 jan. 2022a. Disponível em: <http://glo.bo/3JgfnSi>. Acesso em: 18 dez. de 2022.

ORTEGA, Rodrigo; SARMENTO, Gabriela. Maior hit de Linn da Quebrada veio de álbum lançado em promessa para Prior sair do 'BBB20'. **G1**, [São Paulo], 22 jan. 2022b. Disponível em: <http://glo.bo/3DIHrKD>. Acesso em: 18 dez. 2022.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PETROVICH, Gustavo Henrique B. Big Brother Brasil: O Espaço das Disputas Simbólicas. *In*: SEMANA DE HUMANIDADES [DA UFRN], 16., 2008, Natal. **Anais [...]**. [Natal]: UFRN, 2008. GT 18 - Práticas Discursivas na Contemporaneidade. Disponível em: <https://bit.ly/3RdwE0>. Acesso em: 29 jan. 2023.

RODRIGUES, Matheus. Entenda a diferença entre travesti e mulher trans; tema ganha destaque com Linn da Quebrada no BBB 22. **G1**, [São Paulo], 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3RcyBdq>. Acesso em: 18 dez. de 2022.

SANTANA, Mayara Jordana Sousa; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Jornalismo de serviço: um aporte teórico em construção. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 208-225, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/3HcyxG8>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. Travestimentos e transexualidades no entretenimento televisivo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2532-1.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

STARLING, Heloisa Murgel. Brasil, país do passado. *In*: STARLING, Heloisa Murgel; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 70-119.

THENÓRIO, Iberê. Com cirurgia liberada, transexuais têm batalha para trocar ‘nome oficial’. G1, [São Paulo], 22 jan. 2011. Disponível em: <http://glo.bo/407fBkD>. Acesso em: 18 dez. 2022.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: volume II: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa e transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. 2. ed. Curitiba: Appris, 2019.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.

NOTAS

1. Gil do Vigor revelou que em um ano conquistou dez vezes o valor do prêmio apenas com contratos publicitários. Ver em: <http://bit.ly/3WKUj9F>.
2. Joan Scott (2020, p. 67) define gênero como “[...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos” e “[...] forma primária de dar significado às relações de poder”.
3. Para Linn da Quebrada, a palavra travesti carrega uma força simbólica e permite que elas sejam as donas das suas próprias histórias e vivências (Linn [...], 2022b).
4. No original, “Yet, despite offering only an incomplete explanation of the processes at work in news journalism, the study of news values is regarded as an important area of exploration within journalism studies scholarship because it is a way of making more transparent a set of practices and judgements which are otherwise shrouded in opacity [...]”.
5. “Stories with particularly positive overtones, such as rescues and cures”.
6. *Grupo Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos*. G1, 26 nov. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/3XXUwqS>. Acesso em: 18 dez. 2022.
7. Ver em: <http://glo.bo/3Jlivfy>.
8. O *lead* é uma invenção da imprensa norte-americana que começou a ser utilizada no Brasil na década de 1950. Trata-se de “um relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê” (Pena, 2005, p. 42).
9. A sigla LGBTQIAP+ faz referência a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e Pansexuais.
10. Como esclarece o estudo, “[...] entende-se homofobia como preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas” (Brasil, 2012, p. 12).
11. Ver em: <http://glo.bo/40btCO4>.
12. Ver em: <http://glo.bo/402HIBz>.
13. O episódio rendeu a Bolsonaro uma queixa-crime por transfobia.
14. Ver em: <http://glo.bo/3WKxylW>.
15. A reportagem sobre este tema não integra o corpus por não citar a identidade de gênero de Linn. Disponível em: <http://glo.bo/3kQhS3k>. Acesso em: 19 dez. 2022.
16. TWITTER, @linndaquebrada, 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3wFBRo0>. Acesso em: 19 dez. 2022.
17. Ver em: <http://glo.bo/3He0Dk7>.
18. Ver em: <http://glo.bo/3JgfnSi>.

19. Ver em: <http://glo.bo/3DIHrKD>.
20. Ver em: <http://glo.bo/3wyCJLt>.
21. Ver em: <http://glo.bo/3ReiQTK>.
22. Ver em: <http://glo.bo/407fBkD>.
23. Ver em: <http://glo.bo/3wyDSCL>.
24. Rodrigues entrevistou a historiadora e comunicadora Giovanna Heliodoro, o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e psicólogo Pedro Bicalho e a influenciadora digital Alina Durso. Disponível em: <http://glo.bo/3RcyBdq>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Recebido em: 12/03/2023

Aceito em: 05/10/2023